

CONSCIÊNCIA PROFISSIONAL E ENFERMAGEM NO CUIDADO COM A VIDA

Miriam Heidemann¹

1 -Notas introdutórias sobre *Éthos*, *Êthos* e Consciência

O vocábulo *éthos* (pronuncia-se com “e” fechado), do grego original, está relacionado aos traços culturais característicos de um grupo, aquilo que um grupo considera correto, honesto, certo, justo⁽¹⁾. Nessa perspectiva, *etos* envolve hábitos, costumes, regras, que direcionam a vida de pessoas e grupos sociais, nas suas interrelações e nas relações com o ambiente.

O sentido da palavra *éthos*⁽²⁾, também, é caracterizado, pelo conjunto de valores do grupo social e de uma manifestação científica, os quais definem a identidade de uma cultura; ao mesmo tempo em que permeiam e influenciam os traços psicossociais de um profissional de enfermagem, por exemplo.

O outro étimo *êthos*, grafado com “e” aberto, é designativo de moradia, morada, residência⁽¹⁾. Em sentido lato de sua natureza, o espaço físico, como totalidade ecossistêmica em que o ser humano está inserido e tem o direito de estar. Nesse sentido, poder-se-ia atribuir ao conteúdo de ambiente, o espaço em que alguém vive, sendo seu corpo, o menor deles; sua moradia ou espaço geográfico, como sua casa ampliada; seu habitat ou tudo que fica diretamente ao seu redor, a sua cidade, o campo, o seu país.

As duas formas de *ethos* imbricam-se significativamente. Tanto que o mundo da ética engloba hoje o universo dos valores, das relações do homem consigo mesmo, com os outros e com o ambiente. Consciência, enquanto conceituação nominal, é um vocábulo derivado do étimo latino *scire*, que significa saber⁽²⁾. O lema socrático formula-se como *Nosce teipsum* (*Conhece-te a ti mesmo*). Em português corrente não é possível dizer sabe-te a ti mesmo, posto que apenas o sujeito pode ter consciência original de si mesmo, portanto, de saber quem é. Outros podem conhecê-lo, mas apenas o sujeito pode saber-se.

Podemos também analisar consciência sob uma conceituação substancial, pois consciência é a capacidade que o homem tem de conhecer-se. De saber de si, sobre seus semelhantes, sobre o mundo que o rodeia, sobretudo quanto a tudo que diz respeito a *valor*⁽²⁾. O saber individual é uma expressão autêntica da consciência. É saber com os instrumentos da razão crítica. Por isso, fala-se em consciência crítica, que não é mais que uma redundância de expressão. Toda consciência deve ser crítica, ou não é consciência nem saber.

¹ Enfermeira, Mestre em Educação, Doutora em Enfermagem pela EEAN/UFRJ, coordenadora do Curso de Enfermagem da FASE (Faculdade Arthur Sá Earp), Petrópolis, RJ.

Consciência é, pois, uma condição *sine qua non* para a existência de responsabilidade: consciência de direito e de culpa. É, em suma, a capacidade de responder por seus atos⁽²⁾.

Portanto, em consonância com as observações nominais acima expostas, constatamos que os termos e significados de *etos* (fechado), *etos*(aberto) e consciência são convergentes, e referem-se às expressões de valor, em relação aos objetos, aos seres, e a seu relacionamento, dada sua natureza e seus fins. A base da consciência é o *éthos* e o *êthos*. Nessa aproximação de significados, ambos os termos convergem para o sentido da responsabilidade pela identificação do que se *deve* ou *não deve, ser, fazer, ou não ser e não fazer*. Aqui está também a noção racional, discernível, do que lhe compete ou não compete.

A reunião dos traços psicossociais, que definem a identidade de uma cultura, e o conjunto de valores, que permeiam e influenciam uma determinada manifestação científica, caracterizam também o sentido da palavra *ethos*⁽²⁾.

Nesse texto, analisaremos a construção da consciência profissional entre os trabalhadores de enfermagem, segundo os preceitos teóricos de Antônio Gramsci e sua relação com o valor do cuidado com a vida. Sem uma formação preliminar de conceitos, aparentemente diversos, entretanto concorrentes para o esclarecimento da discussão, não há como abordar essa temática.

2 – Os Preceitos Teóricos

Tomou-se como marco de referência os conceitos postulados por Antônio Gramsci², de *hegemonia, imaginário social, senso comum, consenso, objetividade, aliança intelectual orgânico*, para conduzir a reflexão sobre o *ethos* ou consciência profissional na enfermagem. Consideramos que, do foco central do pensamento de Gramsci, a ideia de *hegemonianos* ajuda a compreender como *imaginário social* e *senso comum* podem dialogar no processo de construção da consciência profissional na enfermagem. O *imaginário social* seria a memória afetivo-social espontânea de uma cultura⁽⁴⁾. A cultura pode ser considerada como um fenômeno produzido pela ação inteligente e livre do homem, influenciada pelo *imaginário*, com a fusão de ideias, valores, cosmovisão, ideologia e utopias, em diferentes proporções⁽⁴⁾.

Percebemos a impossibilidade de apreensão da realidade, como uma representação sensível e intelectual numa consciência pura. No nosso processo de conhecimento da realidade sofremos, outrossim, interferências de diferentes fatores preconceituais, veiculados por nossa

²Antônio Gramsci (1891-1937), italiano, filósofo e teórico da pedagogia e da política, foi membro do Partido Socialista italiano. Foi eleito deputado em 1924. Em 1926 é condenado, por Mussolini, ao cárcere. Recebeu pena de 20 anos de prisão. No cárcere escreve sua mais importante obra, *Caderno do Cárcere*. Gramsci analisa conceitos como ideologia, dialética, hegemonia e filosofia da práxis⁽³⁾.

cultura ⁽⁴⁾. A aceitação passiva da cultura, na instância preconceitual, fará com que se tomem, como dogmas, as interpretações do *imaginário social*, que acabam por tornarem-se valores objetivos de determinados grupos da sociedade, como a enfermagem, por exemplo.

A transmissão acrítica da cultura contribui para que preconceitos e fantasias sejam admitidos como válidos em um grupo cultural, e propagados às novas gerações, como verdades indiscutíveis ⁽⁵⁾. Entendemos que, quando recebemos uma herança cultural estática, estamos diante do *sensu comum*, podendo ser interpretado como ideologia popular ⁽⁶⁾. O *sensu comum* leva a crer que aquilo que hoje existe, sempre existiu ⁽⁶⁾. Portanto, concluímos que o *sensu comum* compõe o *imaginário social*, a que nos referimos aqui. Cada camada social apresenta seu respectivo *sensu comum*. Este não é algo rígido e imóvel; ele se transforma constantemente, sob o influxo de noções científicas e acientíficas, que penetram no costume, nas concepções de mundo, no *imaginário social*, portanto, nas pessoas.

Etimológica e nominalmente, a palavra *hegemonia* vem do grego: *eghestai* – conduzir, ser chefe, ser guia. Segundo o étimo, portanto, e no plano nominal do vocábulo, quem tem *hegemonia* é chefe, ou guia ⁽¹⁾. Gramsci amplia esse conceito, dando-lhe contornos culturais e ideológicos próprios. A *hegemonia* situa-se numa disputa no nível da superestrutura. Esta superestrutura dá sentido a duas ideias gramscianas: a ideia da sociedade política, que exerce a *hegemonia* através da coerção; e a ideia da sociedade civil (grupos sociais, como associações, sindicatos), que formam alianças entre si, em busca da hegemonia, na direção intelectual, política e moral, não necessariamente com atributo coercitivo ⁽⁵⁾.

Na sociedade civil, por meio de seus atores, ocorre a luta pela *hegemonia* na elaboração de novas *ideologias*. Para isso, utilizam-se os meios de comunicação, que representam os lugares de produção de estratégias que objetivam reformular o sistema social ⁽⁵⁾. Consideramos que o conceito de *hegemonia* diz respeito a uma ação que atinge não apenas a estrutura econômica e a organização político-social, mas também age sobre o modo de pensar e sobre os direcionamentos pragmáticos, ideológicos e culturais da sociedade. A consciência de estrutura, por parte do sujeito histórico, é que gera o movimento da superestrutura, capaz de gerar a alternatividade, pela qual uma estrutura subordinante pode tornar-se subordinada ⁽⁷⁾.

Entendemos que essa concepção hegemônica das classes subalternas orienta-as, quando assumem uma função dirigente. Elas sentem-se capazes de construir, não só novas relações políticas, mas também uma nova ideologia, uma nova cultura, uma nova visão de mundo, um novo *consenso* ⁽⁶⁾. Assim, a temática pedagógica tem lugar de destaque no pensamento gramsciano. Sob esse ponto de vista, o conceito de formação está vinculado ao conceito de *hegemonia*, e é fator importante para o debate das contradições existentes nas relações de classe.

Consideramos que o modo de produção de um sistema social indica como dar-se-á o processo educativo. Mais, esse modo de produção há de interferir diretamente no mercado de trabalho e até mesmo na escolha de uma carreira. Esse modo de produção, especialmente na área da saúde, estabelece categorias profissionais, que resultam da divisão social do trabalho. Das relações antagônicas entre essas categorias, uma delas emerge como dominante. Essa necessita, por sua própria essência, de manter sua *hegemonia*. Esse poder hegemônico pode ser garantido pela educação, pela religião, pelos meios de comunicação. As relações entre as categorias profissionais acontecem na sociedade civil. Dessa divisão do trabalho e da necessidade de manter a *hegemonia*, Gramsci elabora a ideia dos *intelectuais*.

Os intelectuais, na visão gramsciana, podem ser tradicionais ou orgânicos. O intelectual tradicional tenta ser independente do momento histórico ⁽⁸⁾, isto é, não se preocupa em participar de movimentos moleculares como sujeito coletivo e histórico capaz de organizar uma transformação social. E o *intelectual orgânico*, que seria capaz da elaboração crítica da sua atividade (práxis), construtor, organizador e persuasor permanente, para construir novas ideologias e concepções do mundo ⁽⁸⁾.

A *ideologia*, como o *imaginário social* e sua concepção de mundo, a estrutura ideológica, como os meios de difusão da ideologia (Escola, Igreja), e o material ideológico, como os meios de comunicação, garantem a *hegemonia* de uma classe sobre a outra, de uma categoria profissional sobre a outra, e a perpetuação das relações de produção ⁽⁹⁾.

Nesse sentido, referimos o conceito de *objetividade*, como o constatamos em Gramsci. Ele surge de uma necessidade histórica. Um tipo de civilização econômica requer, para ser desenvolvida, um determinado modo de comportar-se, uma certa educação, um certo modo de convivência ⁽¹⁰⁾, determinadas regras de conduta, um certo costume (aí incluídos os novos comportamentos decorrentes do avanço científico e tecnológico, da politização e organização de classe).

A organização, politização e cientificização (a *objetividade*) de uma categoria profissional possibilita o estabelecimento de novas ideologias ⁽¹⁰⁾. Essas novas ideologias precisam ser difundidas para alterar o *imaginário social*, presente na sociedade civil. Essa difusão será tão ou mais bem sucedida, se essa categoria estabelecer *alianças*. Estas se formam entre categorias profissionais e segmentos da sociedade civil ⁽¹¹⁾. Todas elas circulam a ideia do poder. Ressaltamos que as *alianças* apresentam caráter *permanente* ou *provisório*. Tudo depende das necessidades de erigir uma nova ordem moral e/ou política na busca da *hegemonia*, de acordo com o valor de que se reveste esta nova ordem.

Nessa sequência de argumentos, impõe-se um novo conceito teórico: a *práxis*, como categoria da metodologia dialética, que concebe o mundo como criação própria dos homens, que são capazes de postular a transformação do real ⁽¹²⁾. Ela, como princípio de valor, pode iluminar os caminhos da *hegemonia*, que uma nova ordem social busca implantar.

3 – Enfermagem e Consciência Profissional no Cuidado com a Vida

Diante dos conceitos apresentados, pensamos que os embates pela *hegemonia* são sinônimos à consciência profissional. Os caminhos da hegemonia significam a desconstrução e a construção de novas ideologias para a profissão. Isto é, a busca do consenso e a mudança do *imaginário social*.

As ideologias constituem, genericamente, o terreno comum e necessário da consciência e do conhecimento ⁽¹¹⁾. Num pensamento reducionista, poderíamos dizer que a Enfermagem constrói cultura, na medida em que, através de técnicas e procedimentos baseados na ciência (*objetividade*), cuida da saúde das pessoas, aumenta sua longevidade, com qualidade de vida, e defende a dignidade humana. A Enfermagem é uma prática que promove valor no outro (pessoa-família-comunidade), pelo seu potencial terapêutico e educativo.

Num pensamento ampliado, podemos inferir que o enfermeiro toma consciência de si, enquanto profissional de saúde, na medida em que se descobre responsável pela saúde do outro. Ele procura a liberdade na sua decisão do cuidado (de enfermagem) com a vida. Nem sempre ele é livre nesta decisão, uma vez que ela perpassa pelo *imaginário* do seu *locus* de trabalho, pelo seu próprio imaginário, e pela hegemonia de grupos/classes dominantes ⁽⁹⁾.

Dois comportamentos profissionais aqui são analisados:

(1) o enfermeiro desenvolve a prática da Enfermagem, baseada em procedimentos *objetivos e subjetivos*, e mormente sem críticas prévias, segundo as determinações de grupos dominantes. Isso se justifica diante do *imaginário* do profissional, que o leva a interpretar a realidade, de acordo com a sua *cosmovisão*, sua *ideologia* ⁽⁴⁾. Quando a concepção de mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, há uma multiplicidade de homens-massa, conformistas e socialmente amorfos ⁽¹¹⁾ ⁽⁹⁾. Criam-se, dessa forma, estereótipos, que são reforçados pela imprensa, pela escola, pela mídia, e por todos os círculos sociais, os quais impregnam e fortalecem o *imaginário*.

(2) ou o enfermeiro desenvolve a *práxis* da Enfermagem, na qual as estratégias de embate pela *hegemonia* (a consciência profissional) podem garantir a qualidade do cuidado a ser prestado. Para o desenvolvimento dessa *práxis*, é necessária a construção do *sujeito coletivo* (histórico). Para Gramsci, novas construções ideológicas só são possíveis através do embate pela *hegemonia*, com a formação do *bloco ideológico*, composto por esses *sujeitos coletivos* ⁽⁶⁾ ⁽¹¹⁾. Nesse sentido, Gramsci aponta que a *hegemonia* pretende a construção de um *bloco histórico*, ou seja, realizar uma unidade de forças sociais e políticas diferentes, agrupadas

segundo a concepção de mundo que ela delineou e difundiu ⁽¹¹⁾. Dessa forma, através de movimentos moleculares, há a transformação social ⁽⁶⁾, onde a consciência passa a tornar-se ação.

Não podemos negligenciar, diante da análise da consciência profissional e do pensar na liberdade da decisão do cuidado com a vida, que as nossas ações são mediadas pelos valores da autonomia, da responsabilidade, da objetividade e da valorização profissional. Essa ideia nos remete às *virtudes* analisadas filosoficamente por Aristóteles, em seu livro *Ética a Nicomaco*, as quais tecemos algumas considerações.

A reflexão aristotélica, quanto à ética, identifica duas categorias de virtudes: *as virtudes morais*, fundamentadas na vontade, e as *virtudes intelectuais*, baseadas na razão. São exemplos de virtudes morais: a coragem, a generosidade, a magnificência, a doçura, a amizade e a justiça. As virtudes consideradas intelectuais ou dianoéticas são: a sabedoria, a temperança, a inteligência e a verdade. Quando numa ação há o equilíbrio das virtudes morais e intelectuais, ela pode ser considerada como *justa* ⁽¹³⁾.

Dentro da reflexão aristotélica, observamos que a liberdade proposta na concepção *liberdade como direito do cuidado com a vida*, pressupõe, pelo enfermeiro, técnico e auxiliar de enfermagem, o exercício das *virtudes morais e intelectuais*.

O objetivo da ação moral é a justiça, da mesma forma que na verdade está o objetivo da ação intelectual. Em sentido *lato*, a justiça configura o exercício de todas as virtudes, observando-se a instância da alteridade. Em sentido estrito, encontra-se como uma virtude ética, que implica o princípio da igualdade ⁽¹³⁾.

O ponto central torna-se o conceito de atividade; atividade no sentido de que o homem deve realizar ao máximo suas disposições naturais (aptidões). Aristóteles assinala que o cultivo da inteligência é o bem supremo (o *summum bonum*), logo, sua concepção ética é denominada de ética das virtudes ou ética eudemônica. O homem deve desenvolver suas aptidões para alcançar o seu fim (*télos*), sua perfeição; por isso que eudemonia e télos estão intrinsecamente ligados, formando uma ética política ⁽¹³⁾.

Consideramos que todas as virtudes acima descritas precisam compor a consciência profissional no cuidado com a vida, e pressupomos que façam parte de um *imaginário social* universal. As *virtudes* precisam ser praticadas. Daí a necessidade de formação e de educação profissional permanente. Elas estruturam, em maior ou menor grau, a valorização pessoal e profissional. Para Aristóteles as virtudes são disposições ou hábitos adquiridos ao longo da vida ⁽¹³⁾.

Todavia, entendemos na visão gramsciana, que, quando os homens travam determinados tipos de relações sociais de produção, surge o embate pela *hegemonia* de um grupo sobre outro. Dessa forma, as virtudes idealizadas por Aristóteles sofrem um processo de maior ou menor valorização, por determinados grupos, de acordo com os fenômenos histórico-

sociais (orgânicos) vivenciados. Para Gramsci, a história é uma contínua luta de indivíduos e grupos para mudar aquilo que existe em cada momento dado; mas para que a luta seja eficaz, estes grupos deverão sentir-se superiores aos existentes. Já a conduta moral varia de acordo com o desenvolvimento das forças produtivas ⁽¹⁰⁾.

Gramsci ressalta que o espírito de cisão, ou melhor, a conquista progressiva da consciência da própria personalidade histórica, requer um complexo trabalho ideológico ⁽¹¹⁾. Ressaltamos que a liberdade da decisão do cuidado com a vida apresenta, como base filosófica, as *virtudes aristotélicas*, e é valor que constrói a consciência profissional. Essa consciência profissional de cuidado com a vida, porém, perpassa os embates da *hegemonia*, com o intuito de transformar a consciência na *ação* das *virtudes morais e intelectuais*.

Processos hegemônicos se confundem com processos educativos, uma vez que a sociedade civil é o *locus* de formação de identidades coletivas ⁽¹¹⁾. Essas identidades modificam o imaginário social, suas ideologias e concepções de mundo. Acreditamos que o embate pela hegemonia (nossa consciência profissional), tenha como principal valor, como principal direção, a liberdade em desempenhar nosso papel profissional, a ação da nossa consciência. E a liberdade pressupõe um campo amplo para a valorização e o domínio dos valores. Impõe-se aqui o respeito à pessoa humana, como um sujeito capaz de tomar posições, de avaliar, fazer opções e engajar-se de conformidade com elas ⁽⁴⁾.

A estrutura biológica do homem transcende a si própria, figurando esse homem como um ser de cultura, um ser ideológico, um ser formado por valores. O relacionamento do homem com a realidade não é imediato ou inato, mas, mediatizado pela consciência, que analisa e define o ato de transformar. Em qualquer profissão visualizamos a característica da hierarquia e da polaridade dos valores. Os bons e maus profissionais podem ser medidos, na proporção em que deixam transparecer seus valores, manifestos por atos e omissões ⁽⁴⁾.

A profissão é um instrumento de descoberta de novos valores e um exercício na busca do que consideramos certo, belo, justo, virtuoso, transcendente e útil. A escolha profissional é o resultado de um processo valorativo no qual procuramos a forma de nos inserir significativamente na sociedade. Idealmente, a profissão é a viabilização de nosso esforço pela felicidade de outra pessoa e pela nossa própria felicidade ⁽⁴⁾.

Pensamos que, para “*ser enfermeiro*”, “*ser técnico de enfermagem*”, “*ser auxiliar de enfermagem*” pressupõe-se a existência de um “*eu pessoal*” e de um “*eu profissional*”, que se coadunam todo o tempo. Não existem determinados momentos para a práxis da Enfermagem, pois ela obriga a uma dedicação integral ao longo da vida, dedicação baseada em valores.

3.1. Consciência na Formação

Pensar em formação, preliminarmente, é refletir sobre a Escola de Enfermagem. Mas, a formação também é resposta à realidade (ao *imaginário social* dos alunos e professores) em que a Escola se insere. Na análise dos contextos de formação, na sociedade civil, identificamos direcionamentos na construção da consciência profissional dos profissionais de enfermagem. A Educação, numa análise geral, pode ser entendida como um processo de compartilhamento do conhecimento universal pela cultura geral da humanidade. Ela também pode ser entendida como uma necessidade individual, cartesiana, dependente principalmente do poder hegemônico de determinados grupos dominantes.

Nos variados contextos histórico-sociais, onde as Escolas e os Cursos de Enfermagem se inserem, identificamos a influência dos *imaginários sociais*. Eles representam o *senso comum* acerca de uma profissão e de suas práticas. Esse *imaginário* reflete a ideologia de grupos ou classes dominantes ⁽⁹⁾. A partir das ideologias disseminadas em uma sociedade, neste caso, relativas à educação, à saúde e à Enfermagem, legislações específicas são aprovadas com direcionamentos objetivos para a construção de uma consciência profissional condizente com o contexto histórico social. Essas legislações devem construir e alimentar o *imaginário social*. A Escola e os Cursos de Enfermagem são o primeiro *locus* de desconstrução de cenários ideológicos regionais e de elaboração de novas ideologias. Isto é, ela precisa direcionar a crítica do *senso comum* e da busca do *bom senso*, na construção de caminhos hegemônicos de consciência profissional.

Portanto, espera-se que a Escola exerça as seguintes funções: garanta a apreensão de conhecimentos científicos, de âmbito definido, social e cientificamente defensável; entenda que o *senso comum* não é algo rígido e imóvel, e sim, que ele se transforma, continuamente, enriquecendo-se com noções científicas, que penetram o costume ⁽⁹⁾, modificando-o e aperfeiçoando-o; forneça educação intelectual e moral, como base filosófica e armamento ideológico, sobre valoração e valores, para os embates pela *hegemonia* (consciência profissional no cuidado com a vida).

Projetos pedagógicos dos diferentes níveis de formação e legislações profissionais são reformulados para o atendimento das necessidades sociais em saúde e demandas do mercado de trabalho em um determinado contexto social. A reformulação de um projeto implica na revisão do próprio conceito da profissão, de sua objetividade de trabalho, e da sua consciência profissional.

Partimos do pressuposto de que os avanços biotecnológicos direcionam as políticas de saúde e de educação, bem como os comportamentos das várias classes sociais e profissionais. Esse desenvolvimento tecnológico gera novas formas de pensar e de fazer em saúde, bem como pode perpetuar a hegemonia de uma classe profissional sobre outra.

No caso particular da formação de Enfermeiras e Enfermeiros, a Escola forma *intelectuais* da Enfermagem. Todos devem ser, em tese, *intelectuais*. Existem graus diversos de

atividade específica intelectual, afinal *homo sapiens* e *homo faber* não podem ser separados⁽⁸⁾. O que a Escola não deveria formar seriam os *intelectuais tradicionais*. Aqueles, lembramos, que procuram a independência do seu momento histórico⁽⁸⁾. Esse tipo de intelectual parece fossilizado, pois, as suas ações não demonstram compromisso histórico-social. Ocorre a reprodução da cultura estática, baseada no *senso comum*, acrítica, para a manutenção hegemônica dos grupos dominantes (manutenção do *imaginário social*)⁽⁸⁾.

Espera-se da Escola e do seu corpo docente, certas e definidas atitudes: novas formas de ensinar, de fazer saúde, e de cuidar da vida; a valorização das virtudes morais e intelectuais; a transcendência do *senso comum* para novas concepções do mundo e novos direcionamentos hegemônicos, que influenciarão as novas orientações curriculares e novas legislações.

Na visão gramsciana, precisamos formar o *intelectual orgânico*. O aluno em formação precisa perceber a vida como o bem maior, perceber que o embate pela hegemonia é também o embate pela consciência profissional. Ele é capaz de construir, ainda enquanto aluno, sua liberdade de decisão pelo cuidado com a vida, e é capaz de lutar hegemonicamente por esse direito.

Nossa concepção de mundo nos direciona à crítica e ao compromisso com a vida de quem cuidamos, e que necessita do olhar, do toque, do comunicar, do agir, da ação da Enfermagem. Diante dessa análise, podemos e devemos ir além. Precisamos pensar na construção de uma teia de relações, em que professores, enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem e alunos de todos os níveis de formação articulem uma consciência profissional dinâmica, diante da sua realidade como um fenômeno histórico-social. Nessa teia de relações, as virtudes morais e intelectuais são atributos da cultura do ser profissional de enfermagem, consciente de sua profissão, e descobridor de si, através da descoberta do outro, seu igual.

3.2. Consciência na Prática Clínica

Cada contexto histórico-social apresenta relações técnicas de produção. Um determinado tipo de civilização econômica requer um certo modo de viver, um certo costume, algumas regras de conduta, um modo de comportamento, uma certa educação, um modo de convivência. As transformações científicas e tecnológicas interferem no trabalho em saúde e criam novas relações profissionais^(11, 14).

Aqui se insere o conceito de *objetividade*. Ela visa à exatidão e à segurança do trabalho do profissional de enfermagem. A *objetividade* se relaciona ao cumprimento do método científico, aí notadas as responsabilidades legais para o trabalho desse profissional. Contrastamos a *objetividade* da *subjetividade* do trabalho do enfermeiro, por exemplo, na construção da consciênciaprofissional.

A *objetividade* constata-se no emprego da mesma linguagem, na operacionalidade das práticas da saúde. Aqui já não se permitem *subjetividades*, pois elas não apresentam

fundamentação científica, nem mesmo linguagem cientificamente aceitável. Na *objetividade* do cuidado com a vida, o que um diz, todos entendem. A *subjetividade* distingue-se pelo fato de cada cuidado decorrer de uma conclusão individual, não compartilhável por meio de instrumentos comuns e análise padronizada ⁽¹⁴⁾. Portanto, num momento de mudanças científicas tecnológicas vertiginosas, defrontamos com um novo *imaginário social*, a ser construído com a minimização da *subjetividade* dos conhecimentos relativos à saúde, e com a valorização da *objetividade* no trabalho de Enfermagem.

A construção da consciência profissional em Enfermagem é possível, na medida em que se modifica o *imaginário social* e se cria uma nova estrutura ideológica acerca de seu trabalho. Ela pretende legitimar uma nova ideologia de Enfermagem; por meio dela, definir um direcionamento moral, intelectual e profissional que afetará sua prática clínica e conduzirá a um maior empoderamento para o cuidado com a vida.

Apesar de todas as considerações, análises e discussões, não importa o contexto, e/ou o grau de formação de seus profissionais, a prática clínica da Enfermagem traz implícita a vertente dogmática de que TODOS devem exercer a profissão com responsabilidade legal, ética, moral e intelectual, enraizados no imaginário social. A preservação da vida é condição *sine qua non* para a assunção da consciência profissional. Diante do avanço biotecnológico, a *crise de hegemonia* entre as classes de profissionais de saúde se torna mais evidente. Qual é a liberdade da Enfermagem na tomada de decisão do cuidado com a vida?

A criação de novo *consenso* sobre a práxis da Enfermagem é resposta às estratégias de embates pela *hegemonia*. Sindicatos e associações significam a organização profissional da enfermagem para a construção de estratégias de *hegemonia*. Essa organização seria uma forma hegemônica de estruturação de uma categoria profissional.

A partir daqui há a possibilidade de embates quanto ao questionamento do *imaginário social*, criação de novo *consenso* sobre a profissão de enfermagem. Essa nova concepção leva a novas condutas e procedimentos no cuidado da Enfermagem, isto é, à possibilidade de garantia de cuidado com a vida e o aprimoramento da assistência da Enfermagem. Aqui acontecem novos empoderamentos profissionais diante da *objetividade* do cuidado e da renovação da *práxis* e da consciência profissional. A produção científica, a participação em eventos científicos mostra a cientificidade do trabalho da enfermagem. Essa cientificidade e sua aplicabilidade social precisam ser compartilhadas nos vários cenários sociais.

Como vimos anteriormente, o *sensu comum* não é algo rígido e imóvel; ele se transforma continuamente, enriquecendo-se com noções científicas que penetram o costume, modificam e aperfeiçoam-no. Por isso, o papel social da enfermagem não precisa ser apenas divulgado, mas também praticado por meio da socialização de resultados de pesquisas e ações de assistência à saúde da população.

Uma das estratégias de *hegemonia*, apontadas por Gramsci, é a formação de *alianças*. As *alianças* da Enfermagem com outros grupos e classes profissionais podem ocorrer em vários cenários sociais, ser *permanentes e provisórias*. Esse estabelecimento de *alianças* visa a legitimar uma nova ordem moral, uma nova ideologia, que está em construção ⁽⁹⁾. Elas podem facilitar e garantir melhor qualidade do trabalho, maior liberdade de decisão do cuidado com a vida, e a construção de novas ideologias da Enfermagem.

3.3. Consciência na Gestão do Serviço e do Ensino

Numa sociedade onde os avanços biotecnológicos são constantes, onde as descobertas e invenções científicas e tecnológicas são intensas, é fundamental que a Enfermagem acompanhe toda a gama diária de modificações que culminam em sua práxis, na *objetividade* do seu trabalho. Essa práxis determina a qualidade da sua atividade, isto é, a dimensão do cuidado com a vida.

A sociedade espera da Enfermagem o cumprimento da sua prática, dentro do seu *imaginário* sobre essa profissão. Por um lado, ela exige o cumprimento de um papel tradicional, com a minimização de erros (iatrogenias). Dentro desse *imaginário*, ainda prevalece a figura da enfermeira sacerdote, vestida de branco, em relação à qual não está previsto qualquer tipo de erro, falha ou cansaço para o desenvolvimento da sua atividade ⁽¹⁵⁾. Em conformidade com esse *imaginário*, espera-se dos profissionais da Enfermagem a prevenção das iatrogenias, diante dos novos e velhos procedimentos de sua atividade profissional.

Por outro lado, está o poder político, que, através de legislações específicas, exige que nossa atuação esteja coerente com a Lei do Exercício Profissional e do Código de Ética Profissional, entre outras Portarias e Resoluções, além de cumprimento às Leis que regem a política nacional de saúde e de educação.

Aqui se localiza o gestor, entre o *imaginário* popular e suas manifestações de *senso comum*, e o poder político-legal. Segundo Gramsci, o gestor existe entre os conflitos de classes e grupos dominantes ⁽⁸⁾, isto é, na gerência das crises pela hegemonia, mas sob o manto da Lei. O gestor é um dirigente, um chefe, que tem por função o planejamento, a organização e a avaliação ⁽²⁾ dos serviços de saúde, de educação e/ou de Enfermagem. Ele é o profissional representando os grupos hegemônicos e não hegemônicos, que fiscalizam e cobram resolutividade na área da saúde e da educação e/ou da Enfermagem, nem sempre através do cumprimento das Leis, Regimentos, Protocolos e Rotinas. Ele responde, inclusive, aos meios de comunicação de massa. Aqui não podemos negligenciar que, segundo Gramsci, as instituições de comunicação delineiam opiniões públicas e participam ativamente na crítica e na elaboração de novas ideologias ⁽¹¹⁾, isto é, em nosso caso, das novas concepções acerca da Enfermagem.

Na linguagem gramsciana, o gestor pode representar um *intelectual tradicional* ou um *intelectual orgânico*. O gestor *intelectual tradicional* tenta ser independente de qualquer grupo social ⁽⁸⁾, por isso, ele parece mecanizar seu trabalho, e não lidera ou participa de qualquer ação que gere conflito. O gestor pode representar um *intelectual orgânico*, que, por sua vez, faz parte de uma nova camada intelectual, que critica sua intelectualidade (seu *senso comum*) e torna-se o fundamento de uma nova e integral concepção de mundo ⁽⁸⁾. Ele é um construtor ideológico, organizador e persuasor permanente ^(8, 11). Além disso, inferimos que ele assume a conquista ideológica dos intelectuais tradicionais, enfermeiros, ou não. Portanto, ele, por sua capacidade dirigente, tem mais facilidade em formar *alianças*, como estratégia de *hegemonia*, para construção do *bloco histórico*.

Cabe sublinhar que o enfermeiro empresário, na óptica gramsciana, representa uma elaboração social superior, já caracterizada por uma capacidade dirigente, técnica e política ⁽⁸⁾. A garantia de sucesso e reconhecimento do trabalho de sua empresa (saúde ou educação, normalmente) está diretamente ligada ao seu poder político hegemônico. Ele precisa gerenciar conflitos, e garantir, via meios de comunicação, os resultados positivos da sua empresa, que, em última análise, estão diretamente ligados a sua liberdade de decisão acerca do cuidado com a vida.

Na ação da gestão, os conflitos hegemônicos são mais evidentes. Aliás, lembramos que a crise da *hegemonia* é permanente, é um fenômeno orgânico, que nos orienta a elaborar a crítica histórico-social ⁽⁵⁾. Nesse contexto, o gestor precisa ser o *sujeito histórico*, *intelectual orgânico*, e/ou estar alerta para as novas críticas, as novas concepções de mundo, e as novas ideologias, que compõem o ser enfermeiro.

Entendemos, portanto, que o gestor precisa elaborar novas ideologias, novas concepções de trabalho de Enfermagem, e construir ou participar na construção do *bloco histórico*, na definição de sua posição de *intelectual orgânico*, na elaboração coletiva da consciência profissional.

4 - Enfermagem e Visibilidade Social

A mídia ocupa hoje papel fundamental na sociedade contemporânea. Ela se configura como o espaço público de maior *visibilidade social*. Os meios de comunicação representam os lugares de produção de estratégias, que objetivam reformular o sistema social⁽¹¹⁾. Além disso, a mídia recebe e conduz temas para os mais diversos espaços públicos, a promover, dessa forma, uma coletivização de ideias e a formação da opinião pública.

Entendemos que a mídia seja uma estratégia fundamental para novas concepções hegemônicas de mudanças no *imaginário social*. Ela é um dos espaços onde ocorrem os mais diversos fenômenos: negociação, embate, oposição, direito de opinião, formação de novos

consensos, entre grupos, e na sociedade, como todo. Daí ela ser considerada uma das principais estratégias hegemônicas, na dinâmica dos grupos e classes dominantes e não dominantes ⁽¹¹⁾.

O exercício da *hegemonia* se caracteriza por uma combinação de força e consenso, que se equilibram de diferentes maneiras, sem que a força predomine demais sobre o consenso, que a força apareça apoiada na aprovação da maioria, expressa por meio dos chamados órgãos de opinião pública⁽⁵⁾. Consideramos, que os leitores de jornais e revistas são pessoas transformáveis, maleáveis, pois buscam novas informações, e são sensíveis a essas aquisições, portanto, são capazes de mudar conceitos e assumir novas posições culturais ⁽¹¹⁾. Essa maleabilidade do decodificador social nos indica uma perspectiva possível e viável de transformação ideológica. Portanto, quando gestores, professores, alunos e demais profissionais da enfermagem buscam maior *visibilidade* através dos informes da imprensa, deixam implícita a ideia da urgência de busca de suportes mais amplos, como sejam os da mídia e da comunidade, em geral, que legitimem um *consenso*, neste caso específico, acerca da identidade e do trabalho da Enfermagem.

Concluimos, de acordo com o exposto, que a *visibilidade social* é uma estratégia hegemônica para a formação de novos *consensos* da sociedade, neste caso, sobre a Enfermagem. Isto é, as estratégias de *visibilidade* possibilitam a modificação do *imaginário social*, e com isso permitem a construção de novas ideologias acerca dessa profissão. Todavia, podemos inferir que a *invisibilidade social*, por vezes característica de categorias e grupos profissionais, faz parteda estratégia de grupos dominantes para a manutenção das *ideologias* presentes no *imaginário social*. Ainda, nesta sequência de raciocínios, percebemos que a *visibilidade social* pode ser *positiva* ou *negativa*. *Positiva*, quando ela veicula a Enfermagem, especificamente, no cumprimento dos seus valores morais e intelectuais (coerente com o *imaginário social*). *Negativa*, ao contrário, quando a mídia veicula a Enfermagem, quando não cumpre seus valores morais e intelectuais. Assim, ambas as *visibilidades* (*positiva e negativa*) possibilitam a crítica e a modificação do *imaginário*, e o surgimento de novas concepções acerca do trabalho da Enfermagem. Tanto uma quanto a outra geram discussão pública sobre a prática profissional, em seus vários contextos, e a formação de novos *consensos* sobre a Enfermagem.

Vários eventos específicos da Enfermagem podem apresentar impacto nas mídias locais, nacionais e internacionais: encontros e eventos científicos, atividades de educação em saúde, entre outras, todas as ações em que os profissionais de Enfermagem se fazem presentes, e discutem sua liberdade de decisão no cuidado com a vida, sua consciência profissional e sua valorização pessoal e profissional.

5 –Conclusões

A luta pela *hegemonia* pode ser compreendida como o embate por uma direção cultural, intelectual e moral autênticas da Enfermagem. Esses embates pela *hegemonia* podem,

pois, ser interpretados como *consciência profissional*. Os caminhos para a *hegemonia* denotam a desconstrução e a construção da *consciência* da Enfermagem. Com ela, ocorre a inovação dos cenários ideológicos, que precisam, pelo apelo ao *bom senso* e *consenso*, contagiar os valores existentes na sociedade civil. Como princípio hegemônico, essas novas ideologias modificarão o *imaginário social*, como *consenso* de uma nova concepção de assistência e como nova *ideologia* de trabalho de Enfermagem.

O processo hegemônico em andamento pressupõe alguns princípios básicos. Esses são encontrados exatamente na visão ética, numa nova visão que a Enfermagem precisa ter para atender a seus fins, à luz de uma sempre nova prática de saúde. Esta deixa para trás os princípios subjetivos, porque substituídos por novos valores e novos procedimentos, de caráter científico, cada vez menos embasados num vago e indefinível *imaginário social*.

Não somos capazes de prever os caminhos e desfechos de nossa ascendência científica e tecnológica. As formas de *senso comum*, que estão diretamente vinculadas ao poder hegemônico, precisam adequar-se, diante dos avanços da ciência e da tecnologia. Esta nova consciência há de promover, inclusive, a reordenação das relações entre os demais profissionais da saúde. Pressupõe, pois, uma nova postura profissional da Enfermagem. Precisamos ser capazes de reorganizar nosso trabalho diante dos novos momentos e novos desafios, que defrontamos e estão por vir. Essa problemática promove reflexões constantes sobre a *consciência profissional* que aqui apresentamos.

Numa análise conclusiva do termo *ethos (som aberto)*, que é morada e direito à morada, e se, por outro lado, *ethos* designa como essa morada é usufruída, então justifica-se todo empenho na luta pela construção de novas ideologias na Enfermagem, com base nessa compreensão.

Referências:

1. Urbina VR. *Dicionario Manual Griego*. Barcelona: Cemagrafic; 2002.
2. Houaiss A. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001.
3. Japiassu H, Marcondes D. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3rd ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1996.
4. Werneck VR. *Educação e Sensibilidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1996.
5. Gramsci A. *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. 8rd ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1991.
6. Gramsci A. *Cadernos do Cárcere*. Vol 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2004.
7. Bobbio N. *Estado, Governo, Sociedade: por uma teoria geral da política*. 3rd ed. São Paulo: Paz e Terra; 1990.
8. Gramsci A. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1989.
9. Gramsci A. *Cadernos do Cárcere*. Vol 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2004.

10. Gramsci A. Cadernos do Cárcere. Vol. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
11. Liguori G. Roteiros para Gramsci. Rio de Janeiro: UFRJ; 2007.
12. Kosik K. Dialética do Concreto. 3rd ed. São Paulo: Paz e Terra; 2002.
13. Aristóteles. Ética a Nicômaco. São Paulo: Atlas; 2009.
14. Laino A. Mudanças Técnico Científicas Hospitalares, Trabalho e Sociedade – estudo de caso da Itália. Niterói: Universidade Federal Fluminense; 1996.
15. Heidemann M, Gomes, MLB. O Curso de Enfermagem da Universidade Católica de Petrópolis: a construção de um *ethos* profissional. Tese [Doutorado em Enfermagem] – Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2009.